



A NOVA CONCEPÇÃO ESTRATÉGICA DAS PRINCIPAIS MARINHAS DO MUNDO E SEUS REFLEXOS PARA A DEFESA DO LITORAL

Cel Art José Vítor Siqueira BAZUCHI

- Curso de Artilharia – Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN)
- Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais
- Curso de Comando e Estado-Maior do Exército
- Instrutor da Escola de Comando e Estado Maior do Exército (ECEME)

RESUMO

O cenário estratégico com o qual o mundo se defronta mudou radicalmente após o final da Guerra Fria: onde antes duas superpotências manobravam, agora restou apenas uma delas, que, por sua vez, passou a ver seus interesses globais ameaçados por desafios de baixa e média intensidade. Para fazer face a esta nova situação, as principais potências militares, em especial os EUA, têm procurado aumentar sua capacidade de, a partir do oceano, atuar em qualquer ponto do planeta onde aqueles desafios se apresentem. Para tanto, os meios anfíbios de suas marinhas de guerra vêm sofrendo grande evolução. O objetivo deste artigo é apresentar alguns dos novos meios de projeção de poder sobre terra que estão sendo adotados e demonstrar, assim, a necessidade do Brasil voltar a meditar sobre a defesa do seu litoral, da qual um dos componentes, hoje inoperante, é a Artilharia de Costa

Palavras-chave: Defesa do Litoral. Meios de desembarque anfíbio. Artilharia de Costa.

1 INTRODUÇÃO

Durante o período da Guerra Fria, as Marinhas se estruturaram de forma a buscar o controle do mar em oceano aberto

para manter em segurança suas rotas comerciais e suas linhas de abastecimento. Para tanto, equiparam-se com grandes embarcações aptas à luta anti-submarina de águas profundas, dando pouca importância ao combate nas proximidades da costa, o que, para as forças terrestres teve o reflexo de diminuir sua preocupação com a defesa do litoral.

Com o fim da URSS, no início da década de 90, cessou a ameaça de sua frota oceânica, mas multiplicaram-se os desafios de baixa e média intensidade aos interesses do novo "Hegemon", os EUA, nas mais diversas partes do mundo, o que tem levado este país e seus aliados a reestruturarem seus Serviços Navais (Marinha e Corpo de Fuzileiros Navais) de forma a aumentarem sua capacidade de projeção de poder sobre terra, indo proteger seus interesses onde quer que estejam em risco.

Esta importante mudança na concepção estratégica de defesa das mais consideradas nações do mundo, com desenvolvimento de novos conceitos táticos e novos armamentos, precisa ser acompanhada e profundamente estudada nas Forças Armadas do Brasil, pois podem implicar na necessidade de modificações na sua estrutura, particularmente em relação à defesa do litoral.

O objetivo deste artigo é apresentar um

pouco da significativa evolução por que vem acontecendo no ambiente naval internacional e convidar o leitor a meditar sobre seus possíveis reflexos no Brasil.

2. O RENASCIMENTO DA AMEAÇA NAVAL

2.1. A OBSOLESCÊNCIA DA OPERAÇÃO DE DESEMBARQUE ANFÍBIO E DA ARTILHARIA DE COSTA DURANTE A SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

Durante a Guerra Fria, a idéia de projeção de poder sobre terra, nos moldes do desembarque de 1944, na Normandia, foi praticamente abandonada, pois significava, no caso de ataque da OTAN ao litoral de um país do Pacto de Varsóvia, ter que enfrentar um inimigo defendendo uma faixa de 200 Km de costa com uma Divisão de Infantaria Motorizada e com uma forte artilharia, capaz de provocar danos devastadores nas vagas de assalto e nos meios de apoio de fogo naval. Para facilitar ainda mais o trabalho dos defensores, as limitações técnicas dos navios de desembarque reduzem a umas poucas faixas do litoral as vias de acesso, as quais, certamente, estariam fortificadas e armadilhadas com minas navais (SOUZA, 2003, p.6). Estas dificuldades e as perdas humanas que resultariam do desembarque anfíbio geraram uma crença, na época, de que este tipo de operação estava fadado a cair em desuso, pensamento que teve reflexos até no Exército Brasileiro, onde a defesa do litoral deixou de ser estudada a fundo e a Artilharia de Costa deteriorou-se até a extinção.

2.2. MUDANÇAS NO PÓS- GUERRA FRIA E SEUS REFLEXOS ESTRATÉGICOS E TÁTICOS

Para enfrentar os múltiplos desafios de

baixa e média intensidade que surgiram após o fim da URSS, os EUA estão conduzindo uma ampla reformulação de suas Forças Armadas, adequando-as às diferenciadas características de seus oponentes. Os Serviços Navais dos EUA (Marinha e Corpo de Fuzileiros Navais) vêm se estruturando, em conjunto, para dar ao poder militar de seu país capacidade de atuar onde quer que os problemas se apresentem. A nova orientação doutrinária está contida nos documentos "*From the sea*" e "*Foward...from the sea*", emitidos respectivamente em 1992 e 1994, e que, mudando radicalmente o enfoque da estratégia marítima norte-americana, passaram a priorizar a condução de operações sobre terra, a partir do mar – "*fighting from the sea*".

A idéia básica, de acordo com COSTA (2003), é que as forças navais e os fuzileiros devem tomar a dianteira das operações de intervenção no estrangeiro, conquistando bases no litoral a partir de onde atuarão as forças terrestres e aéreas. A capacidade de transporte marítimo proporcionará o apoio logístico e equipamento pesado da operação. As principais ameaças a enfrentar pelas forças navais são provenientes de submarinos ou minas nas regiões litorâneas e de mísseis disparados a partir de lanchas costeiras rápidas, de baterias móveis terrestres ou de meios aéreos baseados em terra.

Para viabilizar esta estratégia, está sendo aprofundado o desenvolvimento, no nível tático, do conceito de "Desembarque Além do Horizonte (DAH)", que consiste em lançar as vagas de desembarque a cerca de 50 Km da costa (no método tradicional esta distância é de aproximadamente 5 Km), o que possibilita aos atacantes algumas vantagens tais como:

- os defensores demoram a perceber o



assalto, devido ao fato que a concentração de navios para o transbordo das tropas para as embarcações anfíbias ocorre fora das suas vistas;

- incerteza do defensor sobre onde exatamente o ataque abicará, pois a vaga de desembarque pode mudar de direção durante o deslocamento mar-terra;

- os meios navais de apoio à operação anfíbia ficam fora do alcance dos sistemas de armas das forças de defesa.

Os meios de desembarque antigos teriam grande dificuldade para realizar um DAH, pois não possuem a velocidade de deslocamento necessária, não propiciam suficiente conforto aos soldados (de forma que, ao final do deslocamento, ele ainda esteja em condições de combate), não oferecem a necessária proteção blindada e não dispõem de sistemas mais sofisticados de orientação (na operação da Normandia, por exemplo, a maioria das frações não desembarcou no local planejado, sendo que algumas se perderam completamente!).

No nível operacional naval também estão ocorrendo evoluções importantes, como a concepção da "Manobra Operacional no Mar", idéia que busca aproveitar a grande mobilidade dos meios navais para, manobrando, criar falhas no dispositivo do defensor, em terra e no mar. Uma das possibilidades resultantes da aplicação deste conceito é o aproveitamento das brechas abertas para obtenção da surpresa ao se realizar a operação de desembarque sem o pesado aparato de proteção à esquadra e aos meios anfíbios, que denuncia o objetivo do ataque.

Outra concepção de desembarque que está sendo desenvolvida é a Manobra Navio-Objetivo ("*ship-to-objective maneuver - STOM*"), que consiste em desembarcar as tropas diretamente sobre o local desejado, utilizan-

do meios aéreos. Hoje este método pode ser utilizado por pequenas frações, mas depois de 2020 poderá ser empregado em operações de vulto.

Em conseqüência, a tendência de evolução nas marinhas das grandes e médias potências mundiais é a de redução do número de navios de superfície e adoção de modelos menores, mais velozes e de menor calado, mais aptas a atuar, tanto na defesa quanto no ataque, nas proximidades da costa. Estes países têm procurado, ainda, adotar submarinos com tecnologia AIP ("*air independent propulsion*"), que aumenta radicalmente sua autonomia e dificulta sua detecção.

3. TENDÊNCIAS NA MODERNIZAÇÃO DOS MEIOS DE PROJEÇÃO DE PODER SOBRE TERRA

A completa mudança de cenário ocorrida com o fim da Guerra Fria obrigou as Marinhas ao desenvolvimento de novos instrumentos de guerra. Lançando mão dos artigos de SOUZA (2003), ANNATI (2004), FRIEDMANN (2004) e NITSCHKE (2006), pode ser assim resumida a tendência desta evolução nos EUA e na Europa:

- a) Canhões navais: visando propiciar o imprescindível apoio de fogo às operações de desembarque anfíbio e, ao mesmo tempo diminuir a vulnerabilidade dos navios, permitindo que permaneçam mais distantes da costa, os novos equipamentos com alcance, precisão e poder de destruição bastante aumentados, estão em desenvolvimento. Os seguintes exemplos podem ser citados:

- 1) "*Advanced Gun System*" (AGS): canhão de 155mm/62 calibres, com cadência de 12 tiros por minuto, alcance máxi-

mo de 115 Km, precisão de 20 a 50 metros e sistema de carregamento automático com 750 magazines, que equipará os moderníssimos "destroyers" classe DD(X) da Marinha norte-americana;

- 2) projetos europeus estão buscando a adaptação dos obuseiros terrestres de 155mm/52 calibres, de desempenho superior aos canhões navais similares e com famílias de munição que têm maior flexibilidade de emprego, às torres dos navios de apoio de fogo, como os BAE AS90 (Reino Unido), GIAT AUF2 (França) e PzH 2000 - MONARC (Alemanha);
- 3) canhões navais de 127mm: projetos nos EUA e na Itália deverão aumentar o alcance para mais de 100 Km, mantendo a grande precisão dos canhões atuais; e
- 4) munição: o poder destruidor de um projétil 155mm atual, é maior que o de um projétil de 203mm da geração anterior!

b) Foguetes: algumas das novas embarcações, como o "hovercraft" gigante russo POMORNIC-ZUBR, estão sendo dotadas de sistemas de lançadores múltiplos de foguetes (LMF), adaptados dos similares terrestres. Saliente-se o projeto da Marinha dos EUA para a adaptação do MLRS M270, que tem alcance de 32 Km e o projeto de adaptação do ATACMS, foguete guiado que poderá ser lançado de embarcações de superfície e de submarinos, atingindo alvos a 300 Km.

c) Mísseis de ataque à terra: hoje são uma realidade, com destaque para os TOMAHAWK, que já estão na versão Block IV; os EUA estão desenvolvendo o míssil de cruzeiro "Affordable Weapon System" (guiado por

GPS e com alcance de 900 Km) e o *Advanced Land Attack Missile* (com alcance entre 360 e 540 Km, mais apropriado à guerra litorânea), enquanto os países europeus, como a França, Itália, Noruega, Suécia e Rússia também estão trabalhando para obter mísseis com 250 a 300 Km de alcance.

d) Meios de desembarque: os novos equipamentos buscam diminuir a exposição das forças de assalto anfíbio, que é crítica durante seu movimento navio-terra, e aumentar a flexibilidade quanto aos locais de desembarque (os meios antigos tinham acesso a apenas 17% das áreas litorâneas do mundo, enquanto alguns dos atuais podem alcançar cerca de 80% do litoral). Destaque-se:

- 1) "*Advanced Amphibious Assault Vehicle (AAAV)*" – carros-lagarta anfíbios com grande velocidade de deslocamento em água e muito boa estabilidade, o que evita o desgaste do fuzileiro no movimento mar-terra e o preserva para o combate; isto permite que sejam realizados deslocamentos de até 50 Km por mar, em operações tipo Desembarque além do Horizonte; e
- 2) "*Landing Craft Air Cushion (LCAC)*" – embarcações sobre colchão de ar, que são muito rápidas e adaptáveis a quase todo tipo de litoral; são aptas a atuar depois da primeira vaga, embora não tenham bom desempenho em águas revoltas.

e) Meios para o movimento navio-terra aerotransportado: estão sendo desenvolvidas aeronaves que proporcionarão maior velocidade no movimento navio-terra e maior capacidade de transporte de suprimentos, como o MV-22 Osprey, de pouso e decolagem vertical ou de pista curta, e que pode mudar o ângulo de seus rotores, vo-



ando como avião turbo-hélice, quando eles estão na horizontal, e como um helicóptero, quando estão na vertical.

f) Navios anfíbios: a Marinha dos EUA está renovando a sua frota, adotando navios das classes Wasp (navios de assalto anfíbio com helicópteros de transporte e capacidade de conduzir até 1894 fuzileiros navais) e San Antônio (navios-doca de transporte anfíbio que carregam embarcações de desembarque sobre colchão de ar, carros-lagarta anfíbios avançados, embarcações de desembarque convencionais e helicópteros, transportando até 800 fuzileiros navais).

g) *Sea Base*: os EUA estão estudando, desde 2003, o estabelecimento de uma "base no mar" que, abrigando cerca de 15 mil militares e meios da Marinha, Corpo de Fuzileiros Navais, Exército e Força Aérea, teria condições de deslocar-se para a área-objetivo, servir de trampolim para o ataque desejado e dar à operação o suporte aéreo e logístico necessário, contornando, assim as dificuldades para que países neutros liberem seus territórios para base de operações contra seus inimigos; o planejamento é de que esta base torne-se operacional por volta de 2020.

h) Outros meios: estão, ainda, em desenvolvimento navios de apoio de fogo naval, navios caça-minas, catamarãs e "hovercrafts" com tecnologia "stealth", submarinos menores e mais ágeis, capazes de atuar em águas de litoral e embarcações-multifunção mais ligeiras.

4. CONCLUSÃO

A importância da faixa costeira para o Brasil é evidente: concentra grande parcela do Poder Nacional, suporta a quase totalidade do seu crescente comércio exterior,

abriga as maiores reservas de petróleo e gás e enorme potencial pesqueiro, no mar, além dos mais importantes centros políticos e econômicos, em terra. Cerca de 75 % da vida econômica do país está aí localizada. Tendo em vista a modificação na estratégia naval ocorrida após o fim da Guerra Fria, reorientando o esforço das "águas azuis" para as "águas marrons", o direcionamento dado ao desenvolvimento dos meios de projeção de poder sobre terra e a inegável existência de países com capacidade de projetar poder sobre o litoral brasileiro, pode-se afirmar que existe uma potencial ameaça ao país: um ataque ao flanco atlântico brasileiro atingiria direta e decisivamente o núcleo da vontade nacional.

Pode-se afirmar, sem maiores conjecturas, que a hipótese de o Brasil vir a ser alvo de uma agressão internacional, a curto prazo, é desprezível. A médio ou longo prazo, contudo, análises feitas pela Presidência da República, pelo Ministério da Defesa e por vários respeitáveis estudiosos do assunto admitem esta possibilidade, embora ela seja pouco provável. É imprescindível, portanto, que as suas Forças Armadas, particularmente o Exército, aprofundem seus estudos sobre a defesa do litoral e tomem as medidas necessárias para diminuir a vulnerabilidade existente.

REFERÊNCIAS

ANNATI, Massimo. Coastal Bombardment. *Naval Forces*, Bonn, v. XXV, nº IV, p. 9-19, 2004.

BRAGA, Carlos C.V. O papel das Forças de Fuzileiros Navais na Guerra do Iraque. *O Anfíbio*, Rio de Janeiro, ano XXIII, nº 22, p. 43-54, 2003.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. IP 31-10: Operações contra Desembarque Anfíbio.

2.ed. Brasília, DF, 1998.

COSTA, C.N.L. O Poder Naval: Missões e Meios. Cadernos Navais. n.7, out.-dez. 2003. Disponível em http://www.marinha.pt/NR/rdonlyres/38E3439C-2810-405A-9757-D6F68DDDC394/194/Cadernos_Navais_07.pdf. Acesso em 30 maio 2006.

FRIEDMANN, N. Naval Applications for Hovercraft? Naval Forces, Bonn, v.XXV, nºVI, p.14-18, 2004.

GARNIER, B. et al. Coastal Surveillance: Maps integrating above and below water sensors. Naval Forces, Bonn, v.XXV, nº 4, p.29-36, 2004.

HAHN, R.G. Airborne Takes the Beach.

Proceedings, Annapolis, v.126/12, p.56-58, dec.2000

NITSCHKEK, S. Guerra de Litoral. Tecnologia Militar. Bonn, v.28, nº1, p.26-34, 2006.

SEA POWER. Arlington: Almanac 2004, v.47, n.1, jan.2004.

SOUZA, Fernando Irineu. Guerra do Litoral: Aplicação de um novo conceito na MB? Rio de Janeiro, 2002. 44f. Trabalho de Conclusão de Curso (Altos Estudos Militares) – Escola de Guerra Naval.

_____. Guerra do Litoral: das águas azuis...para as águas marrons.. *O Anfibio*, Rio de Janeiro, ano XXIII, nº 22, p. 3-16, 2003.
